

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #19 (tomo 1) Jul. 2014

Castanheiro do Vento
arquitectura e técnicas de construção

Frutos e Sementes
da Citânia de Briteiros

Arrábida
episódios da
investigação regional

O Convento do Torrão
inventário e documentação



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

há mais na internet

al.amadã

[<http://www.almadan.publ.pt>]

**toda a informação
sobre as edições em papel
à distância de alguns toques**



**Iª Série
(1982-1986)**

**índices completos
resumos dos artigos
onde comprar
como encomendar
como colaborar**

...



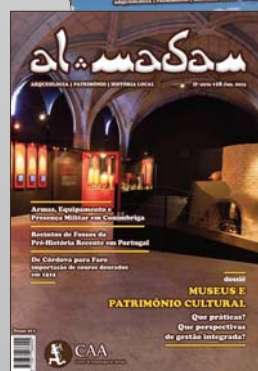
**IIª Série
(1992-...)**

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada





Capa | Jorge Raposo

Registo da escavação da Lapa da Cova, na Serra do Risco, em Sesimbra.
Fotografia © Ricardo Soares.



II Série, n.º 19, tomo 1, Julho 2014

Propriedade e Edição |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | secretariado@caa.org.ptInternet | www.almadan.publ.pt

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 2182-7265

Periodicidade | Semestral

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Director | Jorge Raposo

(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Sofia Oliveira

(publicidade.almadan@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias,

Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),

Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel
dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de
imagem e paginação electrónica |

Jorge Raposo

A data em que são escritas estas linhas (meados de Junho de 2014), o percurso da *Al-Madana Online* continua a justificar o esforço editorial do Centro de Arqueologia de Almada e a valorizar o trabalho dos seus colaboradores. Os dados estatísticos da plataforma ISSUU (<http://lissuu.com/almadan>) relativos ao último semestre comprovam-no: 162.384 visualizações e 8112 leitores, com predomínio dos portugueses (3033), mas em reflexo de uma clara expansão mundial (Brasil, Espanha, Reino Unido, França, Alemanha, Taiwan, Itália e Bélgica são, por ordem decrescente, as origens dos acessos de leitura mais numerosos). Estes dados são ainda reveladores da impressionante taxa de crescimento e difusão desta solução editorial, se atendermos a que em período homólogo de 2013 os valores registados foram de 22.916 visualizações e de 1616 leitores!

As 200 páginas deste novo tomo digital, um dos mais volumosos para corresponder à crescente procura dos autores, contribuirão certamente para consolidar e incrementar a afirmação do modelo de comunicação científica multidisciplinar que a *Al-Madana Online* materializa.

Apresentam-se reflexões sobre os materiais de construção e a arquitectura do sítio proto-histórico do Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) e sobre as condições de navegação no litoral de Cascais (Lisboa) em Época Romana, a par dos resultados de intervenções arqueológicas realizadas no vale do Sabor (Trás-os-Montes) e no centro histórico de Lagos, que também revelaram contextos pré-históricos e romanos. É ainda tratado um interessante caso de reutilização medieval de um monumento funerário megalítico da zona de Nisa.

A investigação osteoarqueológica está representada pela análise do conjunto ósseo exumado na necrópole medieval identificada aquando da expansão urbana de Serpa, enquanto os frutos e sementes recolhidos na Citânia de Briteiros (Guimarães) justificam uma abordagem carpológica. Dois estudos incidem em artefactos de pedra polida da região de Avis e nos cossoiros proto-históricos provenientes da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros), dedicando-se outros a historiar a investigação arqueológica realizada na zona da Arrábida (península de Setúbal) e no Alentejo litoral (neste último caso centrando-se especificamente no período islâmico), a inventariar a documentação relativa ao convento franciscano do Torrão (Alcácer do Sal) e a reflectir sobre a evolução da iconografia associada a Apolo nos baixos-relevos e mosaicos antigos e tardo-antigos.

No plano patrimonial, apresentam-se novidades sobre o sistema defensivo medieval de Albufeira e a evolução da frente ribeirinha de Alcochete, complementadas com trabalho sobre José Joaquim dos Santos Pinto, entalhador-escultor da Casa Real de D. Carlos.

Há ainda noticiário sobre edições e vários eventos científicos e académicos, e informação atualizada quanto à actividade de organismos representativos dos profissionais de Arqueologia.

Razões mais do que suficientes para que expressemos votos de boa leitura!

Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Elisabete Gonçalves, Fernanda Lourenço e Sónia Tchissole

Colaboram neste número |

Rui Roberto de Almeida, Marco António Andrade, Rui Boaventura, Maria Teresa Caetano, João Luís Cardoso, João Muralha Cardoso, João Pedro Cardoso,

António Rafael Carvalho, Miguel Correia, Cláudia Costa, Ana Cruz, Gonçalo Cruz, Juan Moros Díaz, Glória Donoso, José d'Encarnação, Maria Teresa Ferreira, António Fialho, Jorge Freire, Rita Gaspar, José António Gonçalves, António Gonzalez, Miguel Lacerda, Miguel Lago, Elsa Luís, Andrew May, Ana Mesquita, Luís Campos Paulo,

Franklin Pereira, Inês Vaz Pinto, José Carlos Quaresma, Ana Maria Silva, Sara Simões, Ricardo Soares, João Pedro Tereso e Catarina Viegas

Patrocínio | Câmara Municipal de Almada **Parceria |** Arqueohoje Lda
Apoio | Neóépica - Arqueologia e Património

EDITORIAL ...3 ▶

ARQUEOLOGIA

Das Técnicas de Construção à Arquitetura: algumas notas | João Muralha Cardoso ...6 ▶



ARQUEOCIÊNCIAS

Crescimento na Idade Média: contributo de uma série osteológica | Maria Teresa Ferreira ...77 ▶



O Abrigo Natural do Lombo das Relvas: um local de enterramento do Neolítico final / Calcolítico inicial? | Rita Gaspar, Andrew May, Clòria Donoso e João Tereso ...25 ▶



Frutos e Sementes da Idade do Ferro e Época Romana da Citânia de Briteiros | João Pedro Tereso e Gonçalo Cruz ...83 ▶

A Navegação Romana no Litoral de Cascais: uma leitura a partir dos novos achados ao largo da Guia | Jorge Freire, Miguel Lacerda, José António Gonçalves, João Pedro Cardoso e António Fialho ...36 ▶



ESTUDOS

Sobre os Conjuntos de Artefactos de Pedra Polida das Áreas de Benavila e Ervedal (Avis, Portugal) | Marco António Andrade ...92 ▶



Um Testemunho da *Figlina Scalensia* em Lagos (Portugal): a propósito da grande fossa detritica da fábrica de salga da Rua Silva Lopes | Rui Roberto de Almeida e Juan Moros Díaz ...44 ▶



“Nunca a Boa Fiandeira Ficou Sem Camisa”: os cossoiros da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) | Elsa Luís ...105 ▶



Perscrutando Espólios Antigos - 2: um caso de reutilização funerária medieval na anta de São Gens 1 (Nisa, Norte alentejano) | Rui Boaventura, Maria Teresa Ferreira e Ana Maria Silva ...60 ▶

Arrábida: episódios da investigação arqueológica regional (do século XVIII ao século XX) | Ricardo Soares ...113 ▶



ESTUDOS

O Convento Franciscano de Santo António do Torrão (1584/1604-1843): inventário da documentação existente no Arquivo Distrital de Beja | António Rafael Carvalho ...123 ▶



PATRIMÓNIO

A Descoberta de uma Torre Medieval da Muralha de Albufeira | Luís Campos Paulo ...155 ▶



O Período Islâmico no Alentejo Litoral e na Arrábida: bibliografia básica produzida nos últimos 40 anos (1974-2014) | António Rafael Carvalho ...137 ▶



Elementos Sobre a Evolução Histórica da Frente Ribeirinha de Alcochete | Miguel Correia, António Gonzalez e Jorge Freire ...161 ▶

Apolo Ressurecto em Cristo: efulgências de uma iconografia solar | Maria Teresa Caetano ...144 ▶



José Joaquim dos Santos Pinto (1828-1912): marceneiro, entalhador e gravador de couros da Casa Real de D. Carlos | Franklin Pereira ...169 ▶



EVENTOS

PRAXIS II: a sustentabilidade dos recursos arqueológicos e turísticos em discussão | Ana Cruz ...184 ▶

VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular / VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Aroche - Serpa, 2013) | Comissão Organizadora do VII EASP ...185 ▶

Colóquio Internacional Recursos do Mar e Produtos Transformados na Antiguidade | Inês Vaz Pinto ...188 ▶

Cuantificación de Ánforas - Protocolos y Comparativas: principais resultados de outro seminário de êxito do Projecto *Amphorae ex Hispania* | Rui Roberto de Almeida e Catarina Viegas ...189 ▶

Congresso Internacional de Cerâmica Tardo-Romana Reuniu em Alexandria (LRCW5) | José Carlos Quaresma ...191 ▶

LIVROS

No Limite Oriental do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz. 4.º volume da 2.ª série das *Memórias d'Odiana*, da autoria de Victor S. Gonçalves: uma apreciação crítica | João Luís Cardoso ...181 ▶

NOTÍCIAS

Património e Cidadania: dos vestígios arqueológicos à acção pedagógica | José d'Encarnação ...192 ▶

DISCO2014: conhecer os arqueólogos portugueses | Cláudia Costa, Cidália Duarte e Miguel Lago ...195 ▶

Os Trabalhadores de Arqueologia Portugueses Já Têm um Sindicato | Ana Mesquita e Sara Simões ...197 ▶

RESUMO

Reflexão sobre o sítio arqueológico do Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), datado genericamente do 3º milénio a.C., incidindo em particular sobre os materiais de construção aí utilizados e a forma como estes afectam o conceito de arquitectura.

O autor parte de exemplos concretos da intervenção arqueológica e especifica a sua variabilidade construtiva, no âmbito de uma aparente homogeneidade arquitectónica.

PALAVRAS CHAVE: Idade do Cobre; Materiais de construção; Arquitectura; Morfologia construtiva; Vale do Douro.

ABSTRACT

Reflections on the Castanheiro do Vento archaeological site (Vila Nova de Foz Côa), dating from the 3rd millennium BC, focusing particularly on the building materials used and the way they affect the concept of architecture.

The author bases his analysis on concrete examples of archaeological intervention and specifies building variations within an apparent architectural homogeneity.

KEY WORDS: Copper age; Construction materials; Architecture; Building morphology; Douro Valley.

RÉSUMÉ

Réflexion sur le site archéologique de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), daté sous forme générique du 3ème millénaire a. JC, insistant particulièrement sur les matériaux de construction ici utilisés et sur la manière dont ils affectent le concept d'architecture.

L'auteur part d'exemples concrets de l'intervention archéologique et spécifie leur variabilité constructive, dans le cadre d'une apparente homogénéité architectonique.

MOTS CLÉS: Âge du Cuivre; Matériaux de construction; Architecture; Morphologie constructive; Vallée du Douro.

¹ Arqueólogo. Investigador do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP) e bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) (jmuralha@gmail.com).

Das Técnicas de Construção à Arquitectura

algumas notas

João Muralha Cardoso ¹

O estudo do sítio arqueológico de Castanheiro do Vento (datado genericamente do 3º milénio a.C. e primeira metade do 2º milénio a.C.) teve início em 1998, tendo-se privilegiado as principais linhas que definem a arquitetura geral do sítio. Ao longo de várias campanhas foi possível registar quatro linhas de muretes, intercedidas por estruturas subcirculares (tradicionalmente apelidados de bastiões) e interrompidas por diversas passagens. Os trabalhos de campo permitiram ainda a identificação de um grande conjunto de estruturas circulares, com grande variabilidade construtiva e um grande número de outras estruturas ¹. Segundo o modelo explicativo tradicional, este sítio integrar-se-ia no grupo dos “povoados fortificados” identificados maioritariamente na Península Ibérica. No entanto, a interpretação de Castanheiro do Vento distancia-se das narrativas propostas para a maioria destes sítios e tem procurado enfatizar outras problemáticas e sugerir outras reflexões ².

O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento localiza-se na freguesia de Horta do Douro, Concelho de Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda. Segundo a *Carta Militar de Portugal* à escala 1: 25.000 (folha 140) e recorrendo a um ponto central, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41° 03' 49" Lat. N.; 07° 19' 18" Long. W. Gr.

Em trabalhos anteriores (CARDOSO, 2010; VALE, 2012; JORGE *et al.*, 2006-2007), descrevemos e refletimos sobre os materiais utilizados na configuração / construção do sítio de Castanheiro do Vento. Sabemos hoje que essas materialidades repartem-se pelos elementos pétreos (xisto, granito, quartzo, quartzito) e a terra. A separação que agora fazemos entre pedra e terra é somente utilizada enquanto opção metodológica para uma descrição e análise das técnicas de configuração do sítio. Uma não existe sem a outra, e as duas não existem sem a água e a madeira, seja através de troncos de árvores, dos ramos ou arbustos.

¹ Ver CARDOSO, 2010 e VALE, 2012.

² Estas e outras problemáticas e reflexões têm sido publicadas pela equipa que nos últimos anos tem trabalhado sobre Castanheiro do Vento. Vejam-se, por exemplo, JORGE *et al.*, 2002 e 2005a, b, c; JORGE, 2006 e publicações já citadas na nota anterior.

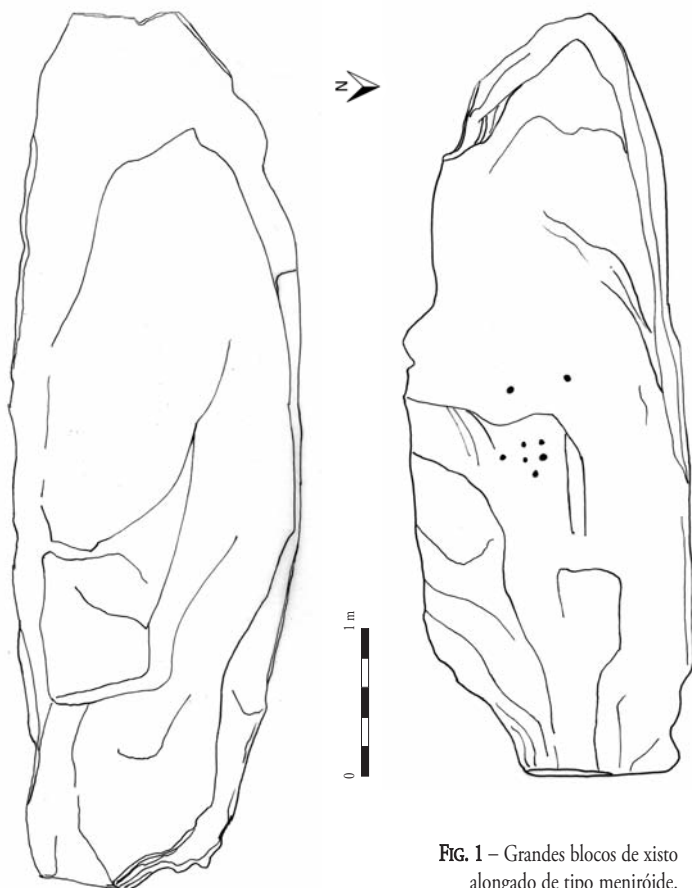


FIG. 1 – Grandes blocos de xisto alongado de tipo meniróide.

A estruturação de Castanheiro do Vento enquanto espaço arquitetónico inclui todos estes materiais, num processo de interligação e de coexistência, moldando continuamente o sítio que, é importante dizê-lo, não se reportaria exclusivamente ao topo da colina. Sugerimos que as estruturas componentes da estação arqueológica desenvolviam-se pelas encostas, num jogo arquitetural constituído pelas próprias

construções, pelos afloramentos existentes e também pelos percursos de acesso ao interior do sítio.

Prospeções sistemáticas realizadas em toda a colina apontam-nos algumas áreas onde a destruição efetuada quer pela plantação de eucaliptos, quer pelo cerejal³, não aconteceu⁴. Esses pontos da colina estão junto a grandes afloramentos rochosos, onde ainda é possível recolher materiais não perturbados por ação mecânica. Se esta destruição não tivesse acontecido, poderíamos estar perante um conjunto de plataformas e rampas, como se detetou em Castelo Velho de Freixo de Numão (JORGE, 2005: 95-97 e 127-139). Mesmo em algumas áreas de Castanheiro do Vento detetaram-se vestígios de rampas e taludes e na área superior da encosta foram assinalados dois grandes blocos alongados de xisto, um deles com “covichas”, que, estando eretos, poderiam pertencer a uma estrutura monumental de acesso ao topo da colina. Embora fora da sua posição original, pelo seu peso e envergadura e pelas marcas deixadas pelas máquinas que os arrastaram, não estão muito longe do local onde inicialmente teriam sido colocados.

Embora colocando a hipótese de estas estruturas de carácter monumental não existirem em toda a colina, não podemos pensar o sítio apenas olhando o seu topo, dissociando-o da área imediata e mesmo do território onde está inserido.

³ Em 1989, a área envolvente ao sítio arqueológico foi lavrada para plantação de eucaliptos. Esta lavra intensa e profunda terá destruído eventuais estruturas, já que a maquinaria utilizada quase que reduz a pó as pedras existentes. Na zona de cerejal, apesar da lavra mecânica, aparecem muitos materiais à superfície: fragmentos cerâmicos com decoração impressa (penteada), elementos de moinhos, materiais líticos, entre muitos outros.

⁴ Para uma historiografia do sítio arqueológico, ver CARDOSO, 2012.

FIG. 2 – Implantação de um dos blocos de xisto, embora deslocado da sua posição original.



Aparece-nos aqui o conceito de escala. Uma estação arqueológica é constantemente olhada a múltiplas escalas. A escala dos materiais recolhidos, das microestruturas, das estruturas, do conjunto de estruturas, a escala do sítio definido por quem nele trabalha, a escala da região onde se insere. Neste artigo interessa-nos a escala do sítio; a escala das suas estruturas, a sistematização dos seus elementos constituintes. E estes elementos constituintes e configuradores do sítio têm de ser considerados num âmbito mais alargado do que simples materiais que, unidos de determinada forma, constituem aquele local específico. A pedra, a argila, a madeira, a água são artefactos, como os fragmentos cerâmicos e os materiais líticos, igualmente usados na ação configurativa do local e das próprias estruturas que, ao existirem em determinado ponto da estação arqueológica, também a configuram e a moldam, num diálogo intensivo, constitutivo de uma vivência comunitária, à escala de um território. Território este povoado por comunidades que parecem estar em permanente mobilidade, em permanente negociação e estruturação (CARDOSO, 2010 e 2012).

Se aceitarmos, como nos parece (CARDOSO, 2010), que a configuração de um sítio arqueológico como Castanheiro do Vento nunca foi um projeto terminado, mas sempre um processo de configuração constante, teremos que atentar a três aspectos interligados e específicos desse processo:

1 – Pensar o conceito de “técnicas de configuração” não como sinónimo de técnicas de construção, mas sim com uma noção operatória diferente, como veremos;

2 – Pensar o conceito de “habilidade técnica” como vinculado a uma matriz de carácter social enquanto rede de ligações sociais entre uma comunidade;

3 – Pensar um conceito como o “tecer” como paradigma de todo o fazer.

Estes três conceitos tornam-se importantes no seu conjunto e integrando a problemática interpretativa da estação arqueológica de Castanheiro do Vento.

Os dois primeiros pontos podem-se explicar conjuntamente.

As técnicas de configuração / elaboração, no contexto que tratamos, não podem ser observadas como “técnicas” específicas de edificação, construção, no sentido moderno do termo (JORGE, 2006: 107). Não é uma realidade isolada, é uma ação contextualizada e fortemente embebida num devir histórico. O ato de “construir”, estruturar, configurar um espaço, está inserido num sistema de relações de sociabilidade que ao mesmo tempo solidifica ou liquefaz esse sistema.

É importante, na linha do antropólogo Tim INGOLD (2000: 289-319), repensar as questões da técnica, não de uma forma dualista enquanto oposição entre pensamento intelectual e execução mecânica, pois este é um fenómeno da modernidade ocidental. Em vez de pensarmos que as operações técnicas, como o ato de construir, são pela sua natureza mecânicas, Ingold argumenta que a máquina é um desenvolvimento das forças de produção acompanhando o desenvol-

vimento do capitalismo industrial. Neste processo, as relações entre trabalhadores, ferramentas e matérias-primas foram alteradas. Substituiu-se a habilidade por uma função mecânica (INGOLD, 2000: 289). A emergência deste conceito está associada ao aparecimento e desenvolvimento de uma cosmologia mecanicista que supera o “*design*” da construção e reduz a habilidade de fazer a uma execução meramente técnica. O artesão guia-se pelos movimentos da sua perceção, enquanto os movimentos da máquina são predeterminados. INGOLD (2000: 289-311) observa ainda que a transição das “*hand-tool*” para a máquina não é uma história de complexificação, mas sim de externalização, a deslocação daquele que faz do centro do processo para a sua periferia, não num sentido geográfico mas sim intrínseco ao seu papel enquanto artesão.

Esta conclusão desinforma as observações que se poderão fazer em relação às sociedades pré-industriais e, mais especificamente, às capacidades técnicas das respetivas comunidades. O conceito de tecnologia é um produto da moderna cosmologia máquina-técnica do pensamento ocidental. Essas sociedades pré-históricas aparecem aos nossos olhos como comunidades portadoras de uma tecnologia simples, alicerçada num pensamento determinado pela sua falta de complexificação técnica. Desta forma, dois eixos do moderno pensamento ocidental, estreitamente conectados ao progresso e à razão iluminista, empurram todas as observações referentes a estas comunidades para um sistema de pensamento determinista, “*as technology determines practice, so culture determines thought*” (INGOLD, 2000: 321; THOMAS, 2004: 205-209).

Nas comunidades que aqui tratamos, o sucesso do seu modo de vida provavelmente dependeria da existência de habilidades sensitivas de perceção e ação. Num contexto de compromisso entre as pessoas e o “meio-ambiente”, as habilidades técnicas são elas próprias constituídas dentro de uma matriz de relações sociais. Mas como? Ingold responde-nos: “*as they involve the use of tools, these must be understood as links in chains of personal rather than mechanical causation, serving to draw components of the environment into the sphere of social relations rather than to emancipate human society from the constraints of nature. Their purpose, in short, is not to control but to reveal*” (INGOLD, 2000: 289-290).

Ou seja, nessas comunidades, as pessoas não estão ligadas a um sistema de requisitos técnico-ambientais, mas sim a um sentido apurado de habilidades sensitivas de perceção e ação. O seu contínuo envolvimento dentro da comunidade e dentro de uma paisagem faz aparecer a sua ação, não pré-determinada, mas sim revelatória.

O terceiro refere-se a um outro conceito discutido por Tim Ingold: tecer como paradigma de todo o fazer. Para explicitar esta ideia, o autor recorre ao exemplo da tecitura de um cesto. O homem ao tecer um cesto não possui uma conceção precisa acerca da forma final, a forma emerge da simbiose entre o artesão e o material (INGOLD, 2000: 341).

Segundo uma perspectiva cartesiana, o espírito humano inscreve o seu *design* numa superfície através da força. Ingold sugere o contrário. A força dos objetos não é imposta sobre eles, mas cresce através de um mútuo envolvimento entre o artesão e o material, num determinado meio. A superfície na natureza é pois uma ilusão, qualquer artesão trabalha dentro do mundo, não sobre ele. Claro que existem superfícies, mas estas dividem estados de matéria, não matéria de espírito. Para finalizar, Ingold refere que esta mesma ideia está presente em Heidegger, quando este filósofo trata das noções de construir e habitar. Opondo a ideia moderna que habitar é uma atividade estruturada que está sobre, e é suportada por um meio-ambiente já construído, Heidegger argumenta que não podemos entrar num processo de atividades construtivas sem estarmos “habitados” dentro daquilo que nos rodeia. “*We do not dwell because we have built, but we built and have built because we are dwellers*” (HEIDEGGER, 1997: 102). Ou, “*Only if we are capable of dwelling, only then can we build*” (IDEM: 109).

Para Heidegger, habitar é construir. Para Ingold, tecer é fazer. E Ingold especifica: onde fazer (como construir), chega ao fim com a obra completa, na sua forma final; onde tecer (como habitar) continua enquanto a vida continua, pontuada, mas não terminada pela aparência dos artefactos que massivamente trazemos à vida (*brings into being*) (INGOLD, 2000: 348).

Habitar no mundo é uma constante relação, um tecer temporal das nossas vidas, uns com os outros e com o meio ambiente: “*The world of our experience is, indeed, continually and endlessly coming into being around us as we weave. If it has a surface, it is like the surface of the basket: it has no «inside» or «outside». Mind is not above, nor nature below; rather, if we ask where mind is, it is in the weave of the surface itself. And it is within this weave that our projects of making, whatever they may be, are formulated and come to fruition. Only if we are capable of weaving, only then can we make*” (INGOLD, 2000: 348).

Na sua vida diária, as pessoas, ao executarem tarefas, envolvem-se num processo entre si e os lugares que habitam. Essas tarefas são projetos levados a cabo sobre um conjunto particular de condições materiais e históricas, devendo ser distinguidas de uma força de trabalho quantificável. Nasce assim o termo *taskscape* (INGOLD, 2000: 195). A *taskscape* é composta por múltiplos “entrelaçamentos” de ritmos e ciclos da atividade habitual que acontece num espaço. Estes ritmos e ciclos têm uma temporalidade mais social do que cronológica.

A elaboração e contínua reelaboração do sítio de Castanheiro do Vento terá sido um processo intenso e de intensidades, de contínuas negociações e renegociações acontecidas dentro de uma matriz de relações de sociabilidade, impregnadas de processos de habilidade, de *taskscape*.

Tendo em consideração as ideias expostas em cima, podemos retomar a análise dos elementos configuradores do sítio, inseridos num processo de *taskscape*.

A pedra surge sempre como o primeiro material definidor do espaço, quer na demarcação e enchimento de embasamentos, quer na delimitação de estruturas, armação de contrafortes e estruturação dos taludes. Por outro lado, a terra surge não definindo propriamente um espaço, mas sim completando-o, enchendo-o, nivelando, colmatando fissuras do substrato geológico, enchendo estruturas, ligando os elementos constituintes dos muros, muretes, “bastiões”, estruturas circulares, elevando superestruturas, revestindo as lajes e moldando-as quando utilizada fresca.

A utilização diferenciada e interligada destes dois elementos, a pedra e a terra, produz um conjunto de técnicas de configuração do sítio que iremos sucintamente abordar.

Embora a intervenção tenha privilegiado a escavação em área, em determinados momentos tem sido possível observar o gesto de habilidade inerente à execução do sítio.

“BASTIÃO” A, “BASTIÃO” B E MURETES DE LIGAÇÃO

O “bastião” A possuía um estrato de terra argilosa muito compacta, que nivelava o terreno onde assentava o seu embasamento pétreo. A inclinação é acentuada e esta terra argilosa colmatava uma área de grandes fissuras no substrato geológico. Tinha como componentes não apenas terra, mas também pequenos fragmentos de cerâmica muito rolados e pedras de pequeno calibre, quer em xisto, quer em quartzo, que terão funcionado como desengordurantes.

O embasamento era constituído por lajes de xisto de dimensão média⁵, preferencialmente facetadas no interior da estrutura. As pedras do interior do murete eram em média mais pequenas e estavam ligadas por terra argilosa⁶.

A morfologia em planta desta estrutura, quando comparada com as outras estruturas tipo “bastião”, surge diferente⁷, ao contrário do murete de ligação ao “bastião” B. Este troço de ligação já apresenta uma cadência de grandes lajes colocadas transversalmente, facetando os limites do murete, sobrepondo lajes colocadas sob o seu eixo menor, grande parte delas facetadas. O enchimento é feito com lajes de dimensão média.

Por outro lado, o troço de murete que também une estas duas estruturas, mas localizado a Sul, tem uma morfologia diferente, consistindo em grandes lajes colocadas transversalmente formando a face, sendo o enchimento composto por pedra mais miúda. Nestes dois muretes o ligante é sempre composto por terra argilosa.

⁵ Entre os 201 mm e os 400 mm.

⁶ A terra enquanto elemento ligante foi detetada em sítios arqueológicos coetâneos a Castanheiro do Vento, casos de Leceia, em Oeiras (CARDOSO, 1994: 34), e Monte da Tumba, em Alcácer do Sal (SILVA e SOARES, 1987: 34-35).

⁷ Ver CARDOSO, 2010: 188-201.



FIG. 3 – Planta dos “bastiões” A e B e dos troços de murete que os unem.

O “bastião” B é uma estrutura que sofreu um conjunto de modificações desde a base. A sua morfologia apresenta alternadamente lajes transversais e lajes colocadas horizontalmente. Novamente a terra argilosa serve como ligante. Como a estrutura anterior, assenta num nível compacto de terra argilosa, possuindo no entanto uma diferença: foram detetados pequenos níveis de terra argilosa acinzentada no interior dessa camada. No estado atual dos trabalhos, sugerir que esses pequenos níveis pertencem a momentos diferenciados de ocupação da estrutura, ou sugerir que pertencem a momentos de execução do nível compacto de terra argilosa, não é possível dizer. Só o avançar dos trabalhos para o interior do murete 1,

para detetar esse nível em maior extensão, nos poderá ajudar a completar ou alterar estas sugestões. Foi ainda escavado no seu interior um buraco de poste, embora descentrado. É impossível afirmar que essa microestrutura está relacionada com o bastião ou com algum momento anterior à configuração da estrutura.

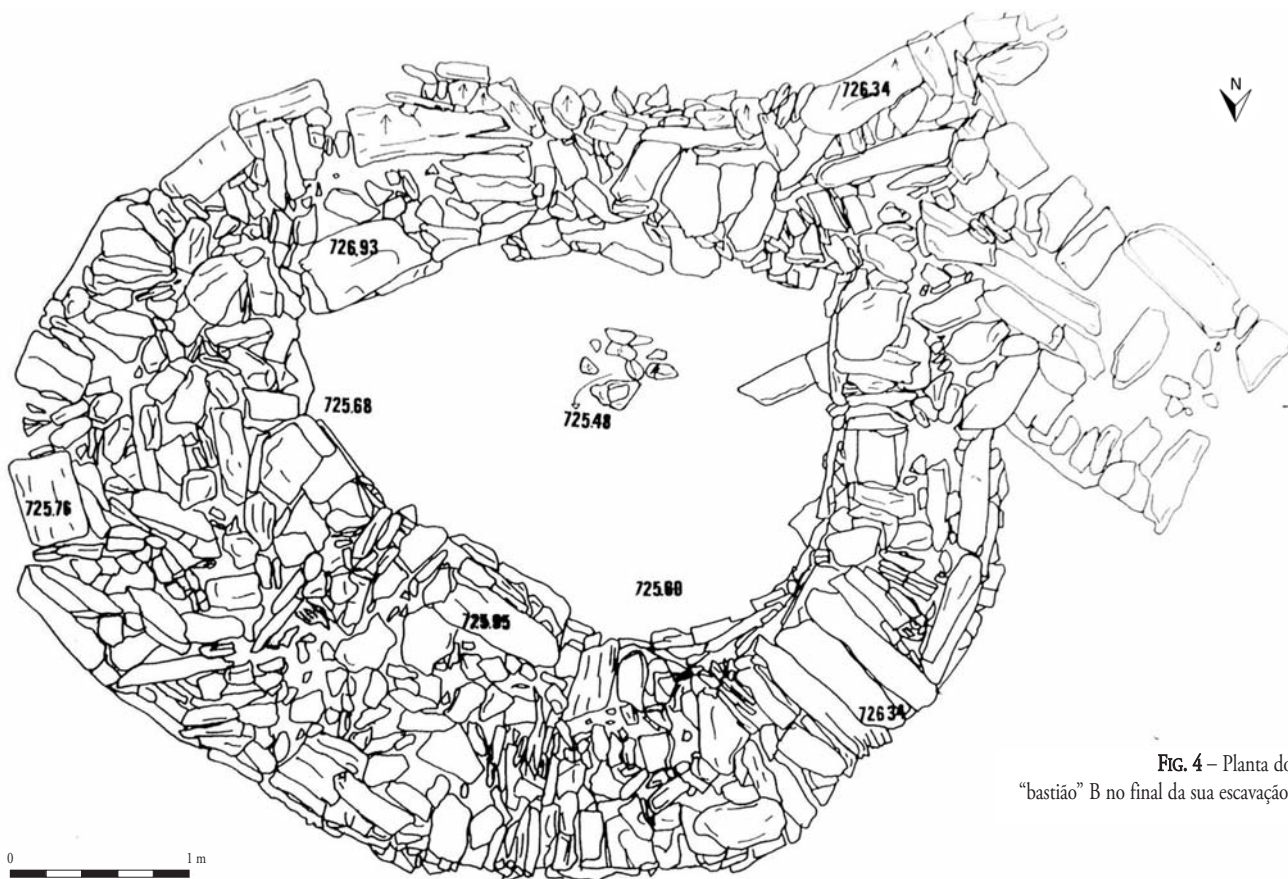


FIG. 4 – Planta do “bastião” B no final da sua escavação.

O “BASTIÃO” E

Esta estrutura foi escavada até ao substrato geológico. O seu embaçamento assentava diretamente no substrato, sendo a terra argilosa utilizada como colmatação das fissuras lamelares do xisto. As lajes componentes desta estrutura são completamente facetadas na parede interior e de dimensão média grande⁸, enquanto na parede externa o facetamento não é completo. O enchimento é feito com lajes de dimensão média a pequena. A colocação das lajes de facetamento é segundo o seu eixo maior, sobrepondo-se em fiadas segundo o seu eixo menor. Novamente o ligante é a terra.

⁸ Entre os 401 mm e os 600 mm.

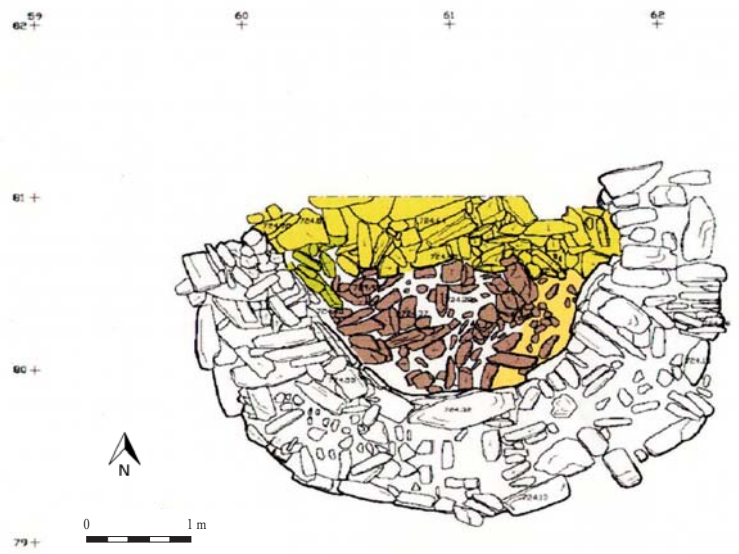
À semelhança do “bastião” B, possuía um buraco de poste descentrado. A morfologia em planta é subcircular. Esta estrutura foi em determinado momento coberta por uma estrutura massiva de pedras e terra, detetável em escavação e registada em corte. Este sistema, um talude, foi construído por cima da estrutura de oclusão interna do bastião. O interessante neste facto é a existência de duas atitudes relacionadas com momentos de oclusão. Primeiro o espaço interno do bastião, depois o espaço de acesso ao interior do bastião. Novamente descartamos a hipótese de derrube associado ao aglomerado de lajes do último momento. Apesar de as lajes serem semelhantes, a estrutura E utiliza muitos blocos de xisto-grauvaque, o que não acontece nas lajes componentes desse último momento. Por outro lado, a oclusão acontece até cerca de metade da área do bastião, e este localiza-se numa pendente, embora suave. O escorrimento das lajes teria acontecido até à face interna do bastião, o que não se verifica. As próximas figuras são elucidativas destas observações.

As lajes castanhas correspondem à oclusão da estrutura, à semelhança do que tem sido observado nas outras estruturas tipo “bastião”. As lajes pintadas de verde pertencem ao talude que cobriu a passagem para o interior da estrutura. Este talude é bem visível no corte apresentado (representado igualmente a verde). É importante referir que o corte foi efetuado numa área que não abrange o seu interior. Desta forma, não está patente a oclusão do espaço interno da estrutura. Mas, por outro lado, reforça o facto de que essa oclusão apenas acontece no espaço interior.

FIG. 5 – Planta do “bastião” E.



FIG. 6 – Pormenor do facetamento interno do “bastião” E.



- Pedras pertencentes ao nível de enchimento [C.2/3].
- Lajes pertencentes a um possível nível de condenação.
- Nível de enchimento [C.3].
- Sedimento argiloso associado a um possível nível de ocupação [C.3].

FIG. 7 – Planta do “bastião” E, com indicação dos diversos momentos de oclusão.

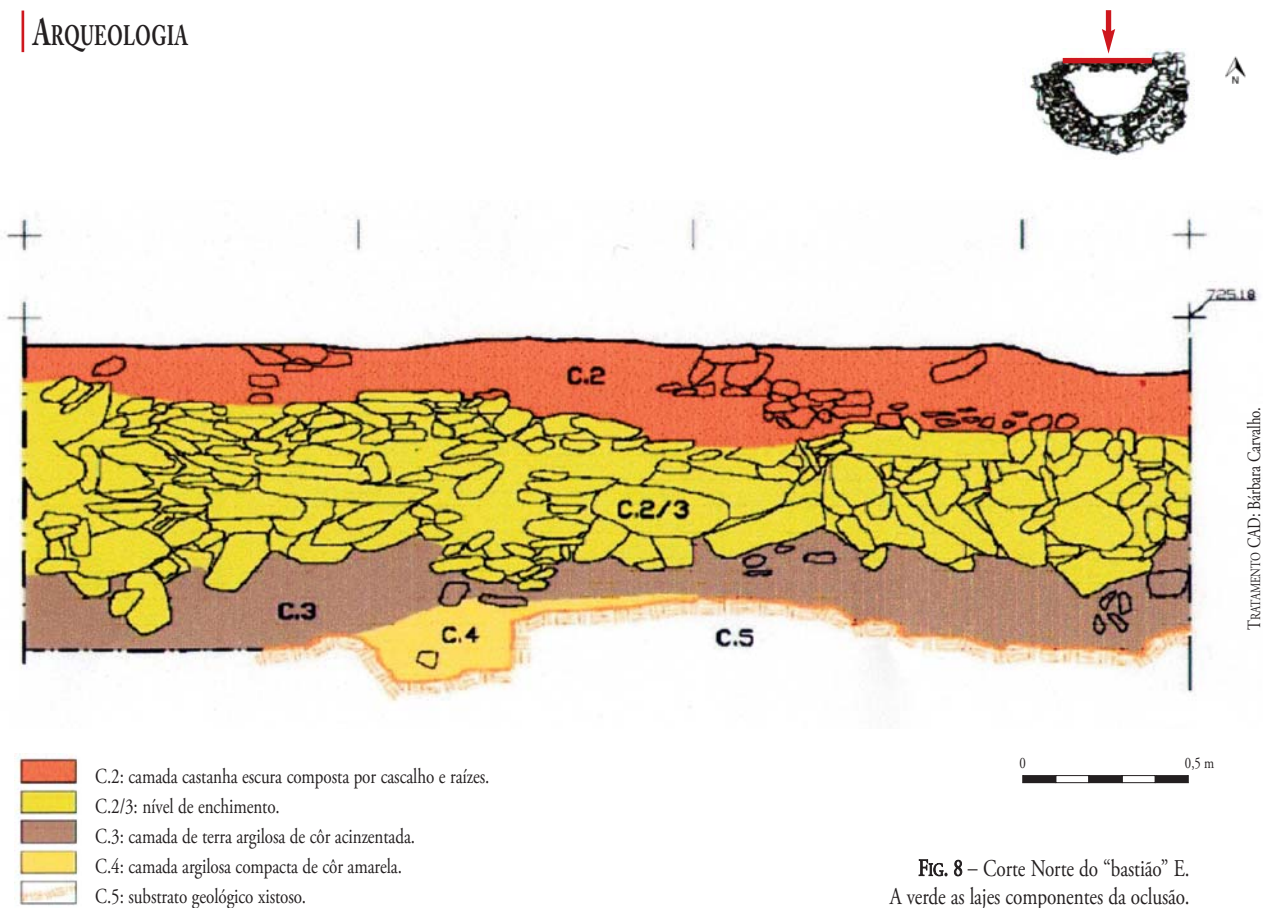


FIG. 8 – Corte Norte do “bastião” E.
A verde as lajes componentes da oclusão.

A elaboração do talude impede o acesso ao interior do “bastião”. Inclusive, podemos sugerir que modifica completamente o espaço onde os troços de murete e as estruturas tipo bastião se transformam numa outra barreira espacial: passam de linhas definidoras e configurativas de um espaço, constituídas pelas linhas do murete e dos “bastiões” (E e F), para um volume de massa pétreo e terra que oclui não só as linhas de murete como o espaço interno dos “bastiões”.

Outro aspecto que não nos leva a falar sobre derrubes, nesta área, relaciona-se com a existência de um conjunto de lajes de xisto colocadas a 45° sobre a linha interna do murete que define o espaço do recinto secundário. Estas lajes foram colocadas deliberadamente, como é visível na próxima figura. Este padrão surge muitas vezes em escavação nesta área do recinto secundário. Para se constituírem como vestígios de um derrube, teria que se repetir sistematicamente ao longo da estação arqueológica, o que não acontece. Por outro lado, um derrube de uma estrutura pétreo em altura oferece um padrão em plano de lajes caóticas. Neste caso o padrão são lajes encostadas e em muitos casos sobrepostas à linha. A oclusão relaciona-se com a estrutura existente (o murete e os bastiões), e provavelmente relaciona-se com o encerramento do embasamento pétreo e não da estrutura em altura.

OUTROS EXEMPLOS MAIS PARCELARES

A morfologia elaborativa dos muretes e dos bastiões é muito semelhante. A demarcação no espaço é feita com alinhamentos pétreos, o

enchimento com pedras / lajes de diversos tamanhos, mas sempre menores do que as lajes que definem a estrutura. A largura dos muros, muretes e bastiões condiciona em certa medida o gesto elaborativo. No murete 1, os troços analisados e os bastiões apresentam uma solução em planta diferente dos muretes 2 e 3.

Na Fig. 9 temos um exemplo de um troço do murete 1.

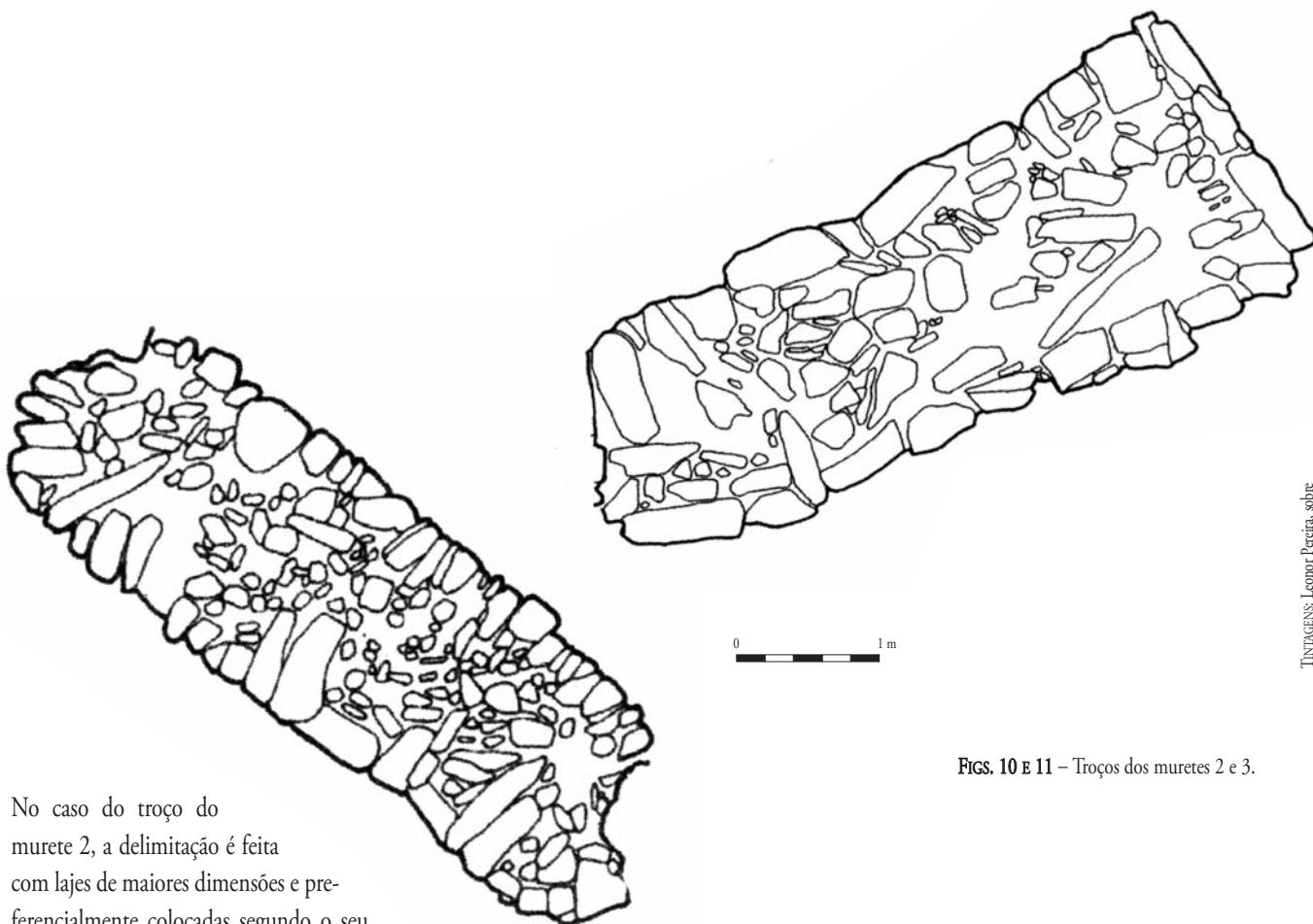
Como se pode observar, as lajes são de pequena dimensão e o interior parece

ter sido cheio por pequenas lajetas sem estruturação aparente. Em muitos casos são essas pequenas lajetas que delimitam as faces do murete. A utilização da terra é pouco visível nos troços do murete 1, enquanto aglutinante.

FIG. 9 – Troço do murete 1.



TINTAGEM: Leonor Pereira, sobre desenho de campo de Bárbara Carvalho.



FIGS. 10 E 11 – Troços dos muretes 2 e 3.

TINTAGENS, Leonor Pereira, sobre desenhos de campo de Bárbara Carvalho.

No caso do troço do murete 2, a delimitação é feita com lajes de maiores dimensões e preferencialmente colocadas segundo o seu eixo menor. O interior possui lajes de pequena dimensão, com a terra a ser um elemento importante na sua aglutinação.

No exemplo do murete 3, o troço anterior mostra uma realidade semelhante ao murete 2 mas com algumas diferenças. Percentualmente, as lajes são de maior dimensão. A delimitação das faces é feita essencialmente com lajes colocadas segundo o eixo maior, e o interior possui um conjunto de elementos pétreos maiores do que os outros dois muretes. A terra é um elemento importante de aglutinação.

A variabilidade do gesto de configuração do sítio é igualmente detetável a um nível mais pormenorizado, quer seja na utilização de lajes mais pequenas, como no murete 1, quer na procura de blocos de grauvaque, como no “bastião” E, quer ainda na existência de uma fiada de grandes lajes oblongas colocadas no meio do murete 2, mas apenas em certos troços, ou na colocação de blocos de quartzo no interior do murete 3.

Como temos estado a observar, as grandes linhas configurativas do sítio são muito semelhantes (a um nível de planta: troços de murete, “bastiões”, passagens, numa repetição constante), existindo um conjunto de pormenores que as tornam diferentes entre si.

FIG. 12 – Murete 2. Fiada de grandes lajes oblongas colocadas no meio.





FIG. 13 – Murete 3 com inclusões de blocos de quartzo no seu interior.

Mas o sistema de estruturação configurativa de Castanheiro do Vento possui ainda um conjunto de pequenos elementos constituintes: colocação de pequenas lajetas em cunha nos pequenos vãos existentes entre as lajes, quer na sua estruturação vertical, quer horizontal; o emprego de fragmentos cerâmicos, muito deles “talhados”, inseridos nos embasamentos dos muretes e “bastiões”; a inclusão de percutores em quartzo nas frestas entre lajes do embasamento.

Estes elementos são sistematicamente reconhecidos ao longo da escavação. E, se em relação às cunhas podemos inseri-las num contexto de configuração prática⁹ do sítio, os fragmentos cerâmicos talhados e os percutores parecem ter

⁹ O conceito de configuração prática aparece aqui não numa perspectiva de elaboração do sítio para o ver terminado, mas numa perspectiva de gesto de habilidade na sua realização. A colocação das cunhas é um ato “elaborativo”, e igualmente um ato significante, pois nem sempre este processo existe ao longo do sítio.

um conjunto de significados que vão além da sua simples colocação / deposição. Quer os fragmentos, quer os percutores são artefactos manipulados deliberadamente. Provavelmente teriam significados contextuais muito diversos, mas um deles parece sobressair: a ideia de permanentemente modelar e remodelar os espaços assinalando sentidos. E não só os espaços como as próprias materialidades constituintes do sítio: esses materiais aparecem em “posição secundária”, os fragmentos estão talhados, os percutores estão inutilizados, colocados no interior do murete ou junto às paredes. Qual(ais) o(s) seu(s) significado(s)?

Ao sugerirmos uma ou várias respostas, é necessário voltar ao conceito de *taskscares* (INGOLD, 2000) integrado no contexto elaborativo de



FIG. 14 – Fragmento cerâmico “talhado”.

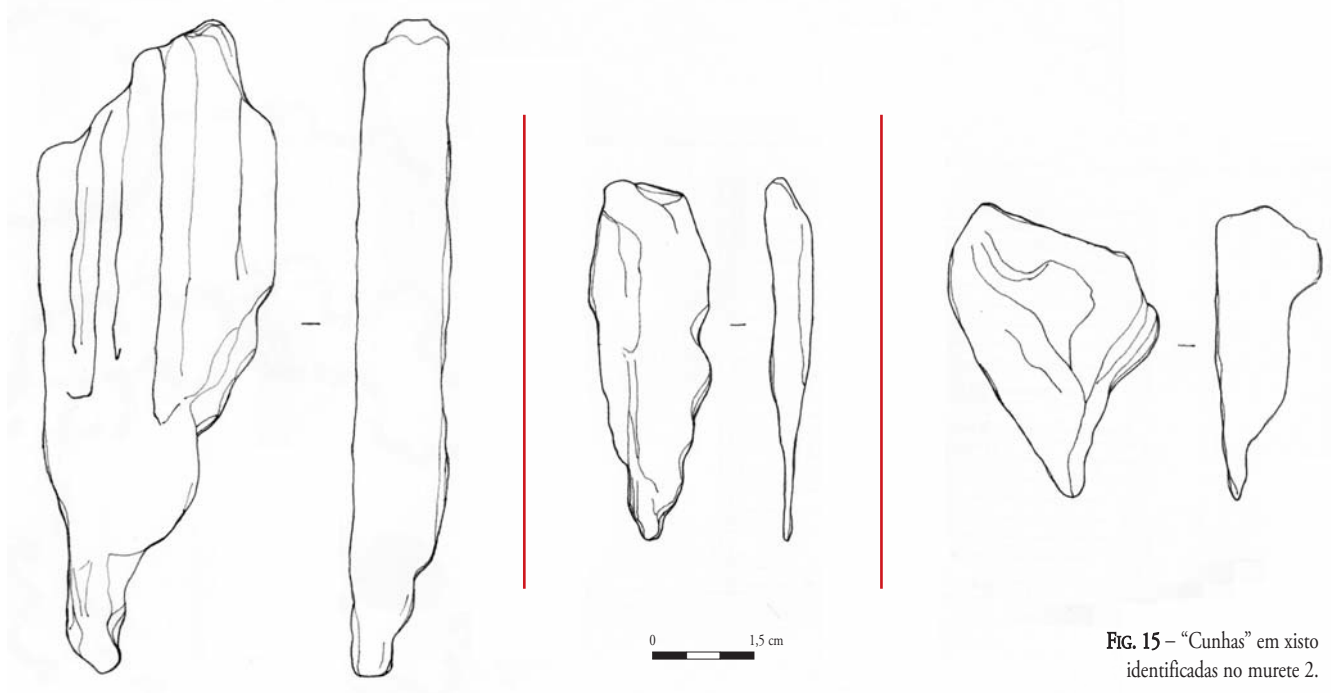


FIG. 15 – “Cunhas” em xisto identificadas no murete 2.

um espaço arquitetónico (McFADYEN, 2006; GARROW, BEADSMORE e KNIGHT, 2005). Ao pensarmos um sítio como Castanheiro do Vento, é importante olhar a sua arquitetura como uma rede de ações processadas em diversos tempos, ou seja, com uma dimensão temporal. A temporalidade da prática de constantemente elaborar e reelaborar os espaços constitutivos do sítio, será um dos aspectos mais importantes na compreensão da sua dinâmica de estruturação. Não numa dinâmica “construtiva” como objetivo final, mas inserida num processo contínuo de vivências, de intersecções de tarefas, de ações ao longo do tempo, criando desta forma as *tasksapes*.

Para tentarmos dar algum significado aos diversos pormenores configurativos do sítio, temos de o deixar de pensar como um objeto arquitetural cuja construção era o objetivo em si. O processo não era construir, a ação não era edificar, as redes de encontros no local não eram de carácter técnico-construtivo. O processo, ou melhor, os processos espaciais e temporais acontecidos no sítio, as diversas atividades interligadas, sobrepostas ou individualizadas, faziam parte da vida das comunidades, da sua estruturação. Ao participarem ativamente na configuração e constituição do sítio, estas comunidades estavam elas próprias a constituírem-se: rede de ligações sociais, partilha de tarefas, negociação de papéis, mediação de conflitos e, eventualmente, emergência de elites que fossem importantes como operadoras de um diálogo intracomunitário e mesmo extracomunitário.

É neste processo que será importante equacionar aquelas materialidades. A colocação de um fragmento cerâmico talhado encostado a uma linha definidora de uma estrutura, ou a colocação de um percutor num pequeno vão entre lajes, são ações que traduzem uma forma de viver o sítio, não são apenas a sua localização final. Constituem uma atitude imbuída de estar no mundo e que, sugerimos, envolveria algo semelhante a uma negociação com o temporal e o material. Neste caso, os elementos materiais são eles próprios constitutivos do sítio, não como elementos de construção, mas como “arquitetura”.

Existe, no entanto, uma variável comum a todo o sítio: a utilização da pedra e da terra. Em termos gerais, a pedra é utilizada como material delimitador de espaços, quer através de alinhamentos como o corredor existente diante da passagem 6, quer através de lajes colocadas ao alto em terra argilosa fresca, caso das estruturas circulares e circulares geminadas, quer ainda dos elementos pétreos componentes das estruturas de contrafortagem. A pedra é ainda um componente essencial na estruturação dos taludes até agora detetados em Castanheiro do Vento. Os taludes são estruturas definidas em pendente que se organizam em rampas com sucessivos alinhamentos, contínuos ou descontínuos, ou mesmo muretes embalados em argila. Provavelmente circundavam as encostas sobranceiras ao sítio arqueológico. Pode ser que estivessem articuladas com outro tipo de estruturas (plataformas e/ou estruturas de tipo subcircular). No estado atual da investigação, e tendo em conta as áreas completamente escavadas, apenas poderemos referir que este tipo de estruturas existe em Castanheiro do Vento. A sua escavação futura deverá fornecer informações importantes e essenciais para a compreensão da estruturação do sítio em termos do seu gesto configurativo. Na região, Castelo Velho de Freixo de Numão representa o melhor exemplo de sítio arqueológico onde estas estruturas foram reconhecidas, escavadas e publicadas (JORGE, 2005).

A terra é um elemento essencial na estruturação do sítio. Temos vindo a referir a sua utilização como ligante, nivelamento e enchimento de estruturas, ou mesmo fresca, mas pode possuir outras utilizações: no revestimento das estruturas e na elevação dos muretes, muros e estruturas circulares e circulares geminadas. E como? A razão principal prende-se com a observação efetuada durante os trabalhos de escavação. É importante referir que o que hoje escavamos são essencialmente vestígios pétreos, são muretes, muros e estruturas onde a pedra é o elemento imediatamente observável e aquele que nos define toda uma estruturação do espaço. A excessiva importância dada à pedra tem inibido os arqueólogos de pensar a/na terra.



FIG. 16 – Passagem 6 e provável corredor.

Pensamos que um dos fatores principais que tem contribuído para perpetuar este modelo se relaciona com os processos interpretativos subjacentes a enquadramentos teóricos das investigações conduzidas neste tipo de sítios, especialmente relacionados com a teoria dos “povoados fortificados”.

A linha interpretativa relativa aos recintos murados tem sido dominada pela ideia de povoado fortificado (PAÇO e JALHAY, 1945; SCHUBART e SANGMEISTER, 1974-1977; GONÇALVES, 1989; CARDOSO, 1994, 1997 e 1999; SILVA, SOARES e CARDOSO, 1995; KALB e HOCK, 1997; VALERA, 2003 e 2006; SOUSA, 2003, entre muitos outros). São sítios equipados com uma estrutura arquitetónica que dá a primazia a uma lógica militarista: os muretes que delimitam o recinto são muralhas; os bastiões são interpretados numa vertente bélica; as entradas monumentais de “barbacãs”; as estruturas circulares, geralmente maciças, de “torres”; e o recinto mais interior de “cidadela”. Esta forma de interpretar considera assim que o elemento pétreo seria perfeito na sua construção.

O processo teórico-interpretativo subjacente referia a génese destes “povoados fortificados” na crescente intensificação económica e na especialização das produções, a par de um aumento demográfico que determinou a competição entre grupos / comunidades e a consequente necessidade de fortificação.

A teoria da Revolução dos Produtos Secundários fortalecia esta ideia, pois ela teria decorrido ao longo do 3.º milénio a.C. (SHERRAT, 1981 e 1987).

Embora os modelos de cariz difusionista e orientalista, vigentes em Portugal entre os anos 40 e 70 do século XX (PAÇO e JALHAY, 1945; SAVORY, 1969; SCHUBART e SANGMEISTER, 1974-1977), tenham sido sistematicamente postos em causa, primeiro pelo modelo indigenista dos anos 80 (SILVA e SOARES, 1976-1977) e depois pelas variantes difusionistas de expressão regional, de finais da década de 80 (GONÇALVES, 1989; PARREIRA, 1990), a ideia de povoado fortificado continua a ser amplamente defendida. E a par dessa interpretação, a pedra, a construção em pedra, adquire um significado importante enquanto elemento construtivo perene.

Um outro fator importante pode-se relacionar com o simbolismo que durante o século XX foi dado à pedra, como elemento estável e durável, em detrimento da terra como elemento associado à pobreza.

A investigação relativamente à utilização da terra crua em construção é escassa. É apenas em 1961, com a publicação do livro de Orlando Ribeiro, *Geografia e Civilização*, que esta temática encontra campo de desenvolvimento. Até então, e segundo Pedro PRISTA (2005), apenas existem referências dispersas e algumas dessas menções já apontam o emprego da terra como “*recurso da miséria verdadeira*” (FURTADO, 1958, citado por PRISTA, 2005: 110), ou ainda “*por dificuldades de outros materiais, e ainda por causa económica, as casas são construídas de taipa ou adobe*” (REDOL, 1938, citado por PRISTA, 2005: 110).



Assim, e como conclui Pedro Prista: “a taipa e o adobe associam-se a memórias recentes de pobreza. Mesmo as vantagens que se lhe reconhecem surgem apenas como consolo de insuficiências estruturais que se lhe associam, e o abandono a que foram votadas removeu-as do presente etnográfico a que se poderia ter imposto” (PRISTA, 2005: 113).

Provavelmente estas memórias do presente, associadas à “dificuldade de reconhecimento das construções em terra no registo arqueológico, devido ao seu próprio processo de ruína, podem desviar a atenção do arqueólogo para a pedra, para o elemento mais resistente que continua a definir espaços físicos e trajetos mentais do investigador” (VALE, CARDOSO e JORGE, 2006: 104).

No entanto, a terra como componente estrutural de sítios arqueológicos tem sido referida por um conjunto de arqueólogos, não só em cronologias mais recentes (GOMES, 2005 e 2006; MACIAS, 2005; CATARINO, 2005), como para a Pré e Proto-História (SILVA e SOARES, 1987; CARDOSO, 1994; SOUSA, 2006; SANCHES e PINTO, 2006; VELHO, 2006 e VALE, CARDOSO e JORGE, 2006).

A utilização mais comum refere-se à terra como ligante. Por exemplo, João Luís Cardoso ao referir-se às “casas” e às “muralhas” do sítio arqueológico de Leceia: “As casas denotam, sempre, planta circular, sendo construídas de blocos calcários não aparelhados, tal como as muralhas, cimentados por ligante argiloso” (CARDOSO, 1994: 34).

O uso da terra enquanto revestimento dos elementos pétreos também é focado: “É de aceitar, com efeito, que as estruturas pétreas, do Calcolítico inicial de Leceia, tanto habitacionais, como defensivas, pudessem ser revestidas exteriormente de argila argamassada” (CARDOSO, 1994: 34). Ou, “Esta muralha com 1,20-1,50m de espessura, era construída a partir de blocos de rocha eruptiva ligados por argila” (SILVA e SOARES, 1987: 34-35).

Em relação à elevação das estruturas, os autores que têm vindo a ser citados sugerem igualmente a utilização da terra como componente principal na elevação das superestruturas: “a parte superior das estruturas defensivas – atualmente reduzidas ao embasamento ou pouco mais – poderia ser de adobe [...]. Desconhecemos como seria a cobertura das



FIGS. 17 E 18 – Pormenores do estalamento de lajes dos “bastiões” B (em cima) e C (em baixo).

casas circulares ou das adossadas às muralhas, do Calcolítico inicial de Leceia. Além da provável cobertura por materiais vegetais, pelo menos nalguns casos, é de aceitar a hipótese de corresponderem a falsas cúpulas, de adobe, como se documentou em estrutura análoga do Monte da Tumba - Alcácer do Sal (SILVA e SOARES, 1987), hipótese justificada, no caso em apreço, também, pela abundância local de materiais argilosos” (CARDOSO, 1994: 34-35).

Em Castanheiro do Vento tem sido possível identificar a presença da terra argilosa, nivelando áreas, colmatando fissuras do substrato geológico, enchendo estruturas e funcionando como ligante (CARDOSO, 2010). No entanto, falta ainda focar três tipos de uso que a terra poderá ter tido: como revestimento parietal das lajes / blocos constituintes das estruturas; moldando espaços, quando utilizada fresca; e como componente principal na elevação de superestruturas.

O uso como revestimento parietal das lajes / blocos é sugerido pela observação em campo.



FIG. 19 – Estrutura circular geminada 1.
Pormenor da colocação de lajes de xisto na perpendicular.

Quando as estruturas são deixadas a descoberto, ao fim de um a dois anos, apresentam certas patologias, como o lascamento e o estalamento. Por outro lado, em determinadas áreas do sítio arqueológico, são detetadas manchas de terra argilosa junto às estruturas, que deverão corresponder ao desmoronamento desse revestimento.

No entanto, uma das utilizações que nos parece mais importante é a da terra fresca ajudando a moldar espaços. Esta aplicação torna-se uma forma de moldar / tecer espaços, permitindo um conjunto de aplicações muito grande e uma interação efetiva entre o uso da pedra e o uso da terra.

Na Fig. 19 é bem visível a importância do uso da terra argilosa na estruturação configurativa da estrutura. A colocação das lajes de xisto e dos dois blocos de grauvaque seria impossível se o espaço não tivesse sido preparado com uma camada de terra argilosa fresca, que permitisse o assentamento a cerca de 45° dos elementos pétreos. As Figs. 20 e 21 são outros dois exemplos do uso da terra argilosa fresca, ou seja, da terra misturada com água, permitindo moldar o terreno e delinear espaços ou estruturas. O padrão da colocação das pequenas lajes de xisto de forma a sustentarem a laje maior só é possível se a terra estiver húmida, ou melhor, se a terra estiver apta a ser moldada, permitindo a colocação de lajes e lajetas em posições que o terreno seco não permite.

Por último, colocamos a hipótese de a terra ser um elemento constituinte da superestrutura. O primeiro facto de carácter arqueológico relaciona-se com as grandes quantidades de terra argilosa detetada em vários locais da estação arqueológica, especialmente junto às grandes



FIGS. 20 E 21 – Exterior do “bastião” B / sistema de contrafortagem.

Em cima, pormenor da colocação de lajes ao nível da linha basal da estrutura e respetivos apoios laterais.

Em baixo, colocação de lajes a 45°, de forma a segurar as lajes encostadas à linha basal da estrutura.

estruturas de tipo “bastião” e muretes, às estruturas circulares e circulares geminadas e ainda no seu interior.

Outra situação relaciona-se com a existência de níveis de terra argilosa onde assentam algumas das estruturas. É importante referir que esta constatação não pode ser aplicada a toda a estação arqueológica, pois foram poucos os locais onde, como já referimos, se chegou ao substrato geológico. Também é necessário dizer que existe um conjunto de análises e experiências que têm de ser feitas a esses sedimentos para se aferir da sua resistência mecânica à compressão: qual o peso de cargas que a parede pode exercer sem colapsar e a sua resistência ao desgaste, sobretudo aos agentes climáticos (vento, chuva, amplitude térmica). Pode-se sempre colocar a hipótese, como ponto de partida, de que as estruturas que agora se nos apresentam apenas como pétreas assentes em terra, teriam uma resistência à compressão muito fraca, pondo em causa a existência de uma estrutura murária alta e em pedra (CASELLA, 2003).

O esqueleto pétreo que hoje se nos apresenta possui todas as condições de embasamento de uma estrutura em terra, mas também é verdade que, em alguns locais já escavados, surgem estruturas murárias com cerca de 1-1,20 m de altura, o que se torna difícil de sustentar apenas como embasamento (HOUBEN e GUILLAUD, 1995), embora, em termos técnicos, seja a base ideal para uma construção em terra. O mais provável seria o uso da terra argilosa não seguir uma regra precisa, operante, uma regra construtiva objetiva, numa aceção funcionalista que hoje conceptualizamos. A utilização da terra argilosa teria múltiplos papéis, múltiplas utilizações, conferindo uma grande plasticidade ao sítio, um cromatismo intenso (que a pedra também possui), e permitindo constantes modificações / alterações / reestruturaturas.

Como nota, é interessante referir que hoje, nas aldeias circundantes a Castanheiro do Vento, se encontram exemplos de arquiteturas em terra, especialmente o tabique. Nas pequenas “estórias” contadas na aldeia da Horta do Douro, sobranceira ao sítio arqueológico, o elemento terra / argila está presente ¹⁰.

Mas o estudo deste tipo de arquitetura terá que ter uma componente técnica e experimental que hoje a intervenção arqueológica em Castanheiro do Vento ainda não possui. A análise aos barreiros, a experimentação no restauro de estruturas, muretes e muros, estudos de conservação e análise de materiais, terão que ser vetores comuns num futuro projeto de conservação e restauro, onde a terra como elemento constituinte do sítio arqueológico terá o seu papel a par da pedra, da água, da madeira e dos elementos arbustivos.

¹⁰ “Sabe, amigo, naquele Inverno a chuva caía como se o Douro estivesse no céu. O povo andava preocupado e tinha razão... Sabe, isto passou-se há muitos anos. Uma manhã ouviu-se um estrondo maior que os foguetes da festa e de repente um mar de argila desce do Campelo [um dos nomes pelo qual é conhecida a encosta de Castanheiro do Vento, virada à povoação da Horta do Douro] e inunda as ruas, as casas... Tudo... Olhe, tudo. Era um mar de argila que demorou muitos dias a limpar”. “Estória” contada por um habitante da Horta do Douro.



FIG. 22 – Croqui de Castanheiro do Vento com as estruturas identificadas até à intervenção de 2012.

QUESTÕES DE ARQUITETURA

Ao longo deste pequeno texto, temos vindo a analisar o sítio arqueológico de Castanheiro do Vento mas de uma forma bastante parcelar. Referimos as técnicas de configuração / construção, refletimos sobre os diversos tipos de materialidades que as compõem e pensamos sobre as suas técnicas de configuração. Considerando o sítio nas suas diversas especificidades conformativas, que vetores problematizantes podemos agora enunciar?

Desde logo se impõe o dispositivo arquitetónico que ao longo dos últimos anos temos vindo a pôr a descoberto: a arquitetura de Castanheiro do Vento. Como a definir? Ou melhor, dentro da nossa escala de trabalho, como poderemos conceptualizar arquitetura sem cair em definições tão latas e abrangentes que se tornariam inúteis, inexpressivas do sítio arqueológico, ou então dissecar completamente o conceito, a ponto da definição encontrada apenas fazer sentido se aplicada aos vestígios de Castanheiro do Vento? O que se pretende é pensar e operacionalizar conteúdos que nos permitam refletir sobre um determinado espaço arquitetónico.

Desta forma, convocamos novamente Tim Ingold para nos ajudar não a definir arquitetura, mas sim a conceptualizar melhor a ideia de que a arquitetura pode ser entendida como um conjunto de ações e significados, tanto quanto um conjunto de fisicalidades que entrançadas criam algo mais do que uma forma física, uma construção. Ingold, pensa arquitetura como habitar (*architecture as dwelling*), opondo esta perspetiva a uma outra, *architecture as building*: “the dwelling perspective. By this I mean a perspective that treats the immersion of the organism-person in an environment or lifeworld as an inescapable condition of existence. From this perspective, the world continually comes into being around inhabitant, and its manifold constituents take on significance through their incorporation into a regular pattern of life

activity. It has been rather usual, in social and cultural anthropology, to suppose that people inhabit a world – of culture or society – to which form and meaning have already been attached. It is assumed, in other words, that they must perforce «construct» the world, in consciousness, before they can act in it. I refer to this view as the building perspective” (INGOLD, 2000: 153 – os sublinhados são do autor).

A perspectiva de habitar (*dwelling*) pretende dissolver a distinção entre natureza e cultura, entre ação humana e um mundo físico passivo, e tentar compreender os processos contínuos, conjuntos e constantes dos agentes no seu ambiente, e não como indivíduos agindo “lá fora”, no mundo, privilegiando uma forma em vez de privilegiar o processo de permitir que as coisas se manifestem de uma forma específica, contínua, habitada. A perspectiva de construção (*building*) vê a arquitetura como uma imposição de formas pré-concebidas sobre um mundo “natural”, externo ao construtor, onde este atua separado desse mundo. Ingold questiona: “*by what right do we conventionally identify the artificial with the «man-made»? And where, in an environment that bears the imprint of human activity, can we draw the line between what is, and is not, a house, or a building, or an instance of architecture?*” (INGOLD, 2000: 174).

A resposta parece simples se considerarmos que arquitetura é definida por um projeto, tornando-se posteriormente uma forma construída. A definição é partilhada por muitos arquitetos no mundo ocidental atual mas, se considerarmos as comunidades pré-modernas e mesmo, na atualidade, algumas não ocidentais, a definição desvanece-se. O projeto não precede o habitar, e provavelmente essas comunidades não impunham a forma através da implementação de um plano já concebido. O discurso arquitetónico é gerado através de um envolvimento prático com o ambiente e funciona através de uma rede complexa de ações. A reflexão de Ingold enfatiza a ideia de que as pessoas e outros componentes do ambiente estão completamente envolvidos em redes heterogêneas que se constituem em processos “revelatórios” através da ação de uma multiplicidade de agentes, desde aqueles que se envolvem no processo configurativo do sítio, até às materialidades especificamente escolhidas para esse processo.

A ação humana terá então de ser compreendida como um elemento numa rede distributiva de ações, com objetos, animais, plantas, em vez de uma força privilegiada operando num mundo externo e passivo. Assim, ao passar de uma perspectiva de construção para uma perspectiva de habitação, o conceito e significado de arquitetura alteram-se. Se assumirmos que estas comunidades estão inseridas no mundo e não sobre ele, os vestígios da ação humana encontram-se imbrincados a outros elementos desse mundo. Será assim possível olhar a arquitetura de Castanheiro do Vento como um processo fluído de habitar um espaço, um processo entrecido de ações complexas entre esse espaço, as suas disponibilidades, as suas condições, a sua topografia e os próprios agentes humanos. Desta forma, a preparação do terreno ao configurá-lo com uma base de terra / argila batida, ao utilizar os aflo-

ramentos como pedra, deixando outros intactos, o abate de árvores, a procura de arbustos e de certas materialidades constitutivas do sítio, tornam-se tanto arquitetura como a elaboração dos muretes, a colocação de postes, a utilização da terra como infraestrutura e ligante. São criadas estruturas, são criados espaços, ao mesmo tempo que são criados ritmos temporais, não só no processo de elaboração, como no próprio processo de espacialização do sítio. Os sentidos provavelmente alteram-se continuamente, enquanto os diversos ritmos de habitar aquele espaço são processo integrante da socialização daquela(s) comunidade(s). O ato de elaborar / configurar / manter um espaço torna-se uma atividade recorrente num processo de socialização constante. Assim, de que forma é que este conceito de arquitetura afeta o nosso “olhar” sobre Castanheiro do Vento?

Afeta no sentido em que uma definição normativa de arquitetura não é considerada, ou seja, uma definição postula construções planeadas e executadas por seres humanos, construções estáticas e com carácter perene. É considerada uma arquitetura mais orgânica, mais cumulativa e acumulativa, que envolva uma comunidade inserida e imbuída no seu mundo, onde o ato de “construir” seja um ato de “habitar”. Habitar transformando a colina com elementos pétreos, arbustivos, árvores e água, habitar como estruturação espacial de uma comunidade unindo-se naquele espaço, habitar como atividade coletiva, habitar como elaborar, configurar, reconfigurar espaços onde o sentido coletivo se estabilizasse e socialmente se reproduzisse.

Afeta ainda no sentido em que todas as ações que conseguimos detectar durante a escavação do sítio se tornam arquitetura: a utilização diversa de elementos constitutivos, a de certas materialidades que marcam espaços, a abertura e encerramento de passagens que permitem ou condicionam percursos dentro do sítio, que delimitam espaços abertos ou fechados em conjunto com os muros, muretes, “bastiões” e estruturas de oclusão, as próprias “deposições” são consideradas aqui como fazendo parte do discurso arquitetónico de Castanheiro do Vento. No estado atual dos trabalhos de campo, torna-se difícil encontrar exemplos demonstrativos desta ideia. A análise de pequena escala a contextos específicos e depois a sua comparação poderá fornecer vetores de investigação que nos permitam, também, tentar ultrapassar dicotomias como aquelas existentes entre materialidades que podemos designar de “móveis”, como por exemplo as cerâmicas, os materiais líticos, o espólio osteológico, e o grande objeto arquitetónico onde essas materialidades são encontradas: o próprio sítio, uma materialidade. O conceito de arquitetura, o processo elaborativo de um sítio poderá incorporar essas materialidades em situações concretas, percebidas em campo (MCFADYEN, 2006; WHITTLE *et al.*, 2007).

No entanto, podemos referir três exemplos:

1 – A variabilidade de materiais constituintes dos três muretes ¹¹ detetados e do recinto secundário.

¹¹ Não consideramos o murete 4, descoberto em 2010, pois apenas foi detetado um troço de cerca de oito metros, impedindo assim grandes comparações.

O murete 1 é elaborado com lajes de xisto e terra (argila), o murete 2 com lajes de xisto, terra (argila), quartzo e granito, o murete 3 com lajes de xisto, terra (argila) e quartzo (percutores e blocos informes) e o recinto secundário com lajes de xisto, terra (argila) e quartzo. Embora todos os materiais constituintes dos muretes sejam elementos configurativos do sítio na sua totalidade, existem diversos atos específicos. O xisto e a terra são os grandes denominadores comuns à configuração, enquanto o granito e o quartzo parecem ter um outro “papel”. No murete 2, estes dois elementos surgem em proporções iguais, mas o granito surge na área Sul do murete em grande quantidade, culminando a sua utilização na estrutura circular 5, integralmente constituída por aquele elemento. O quartzo aparece em blocos informes, quer num troço de murete a Noroeste no seu interior, quer noutra troço a Sudeste, como elemento delimitador da face externa. No murete 3, a utilização deste último elemento é particular, é empregue apenas no interior do murete e constituída por blocos informes, mas também por percutores, enquanto no recinto secundário torna a ser usado como no murete 2, como elemento de enchimento. A variabilidade estrutural do sítio é identificada nestes pormenores de configuração.

A conformação de Castanheiro do Vento é apenas homogénea nas suas grandes linhas estruturais, mas muito diversa nos pormenores relativos à utilização dos elementos elaborativos. Estas constatações remetem-nos para duas situações: a diversidade de elementos identificados, tanto num sentido extrativo – as lajes de xisto extraídas dos afloramentos, a terra enquanto argila local, o quartzo existente em afloramentos que atravessam o sítio –, como num sentido adicional; o granito trazido dos maciços de Numão e Freixo de Numão e mesmo dos blocos existentes ao longo da Ribeira da Teja, a argila de barreiros próximos, os materiais vegetais e mesmo a água, elemento essencial na preparação da terra. Estas ações, e mesmo a decisão de manter alguns afloramentos intactos, como na área Norte e Este de Castanheiro do Vento, transportam-nos para diversos significados, para atos de inscrição, mais ou menos perduráveis enquanto inseridos em processos de configuração e remodelação do sítio, capazes de movimentar a comunidade criando sociabilidades, fomentando a coesão social entre os seus elementos, partilhando sentidos comuns, como o ato de “construir” em grupo executando gestos técnicos ancestrais.

2 – A identificação de fragmentos cerâmicos talhados e não talhados e percutores de quartzo e quartzito ao longo das linhas internas dos diversos muretes.

Já referimos anteriormente algumas das questões que este tipo de materialidades levanta. Sugerimos que poderiam ser artefactos manipulados deliberadamente: os fragmentos cerâmicos estão talhados e muitos percutores estão inseridos no interior de muretes. Observámos a importância de olhar estas ações como uma rede temporal de práticas de elaborar e reelaborar os espaços constitutivos do sítio, contribuindo para a sua dinâmica de estruturação inserida num processo contínuo

de vivências no local. Notámos ainda que uma das formas de equacionar este processo teria que ser num contexto de participação ativa na configuração e constituição do sítio.

Este processo, além da sua dimensão técnica e temporal, possui uma dimensão social: a necessidade implícita de transformar um sítio num lugar. Um sítio onde se processam atividades interligadas, sobrepostas ou individualizadas, para um lugar onde essas atividades existem como estruturação identitária e social dessa comunidade. Não numa aceção dicotómica de que primeiro existe um sítio “natural” e depois, através da ação humana, surge um “lugar”, mas sim que, através da contínua elaboração de um sítio, até no sentido de remodelações e de atos de manutenção, existe um “lugar”, na medida em que espaços existenciais são sempre lugares.

3 – A estrutura “bastião” D.

Recolha de espólio arqueozoológico no interior do murete delimitativo da estrutura e identificação do sistema de oclusão (CARDOSO, 2010: 124, 129, 147 e 280).

O que nos interessa aqui referir são duas especificidades identificadas: a recolha de espólio arqueozoológico no interior do murete e o sistema de oclusão que em determinado momento truncava parte do acesso ao interior da estrutura. No primeiro caso estamos perante aquilo que à partida podemos referir como uma “deposição”. As materialidades constituintes desta “deposição” consistiam num pequeno fragmento de cerâmica não decorada, num fragmento de granito pertencente a um elemento de moinho (CARDOSO, 2010: 280), e em dois restos de *Bos* sp. pertencentes a um animal juvenil (CARDOSO e COSTA, 2004).

Como tratar estas materialidades? Não numa abordagem que estude as deposições como “ações rituais”. Se pensarmos que a conceptualização de “ritual” é um produto do pós-racionalismo, onde é geralmente descrito como não funcional e contrastante a uma racionalidade “moderna” (BRUCK, 1999), estamos a enformar o nosso pensamento e a transpô-lo para a análise destas comunidades.

A literatura antropológica refere muitas sociedades que não distinguem “ação ritual” de “ação funcional” (GOODY, 1977: 28 citado por BRUCK, 1999: 315). De facto, aquilo que muitas vezes se considera como ritual poderá (em termos arqueológicos), e é (em termos antropológicos) considerado uma ação integrante de um todo social e, provavelmente, os atores dessa “ação ritual” não diferenciariam esses dois conceitos¹².

É importante ultrapassar a ideia de que o ritual é aquilo que não contempla uma explicação de carácter lógico-funcional. Geralmente definimos ritual em oposição a racional (BELL, 1992: 71 e GOODY, 1977: 25 citados por BRUCK, 1999: 319). Se ao mesmo tempo deixarmos de interpretar certas materialidades como “deposições /

¹² Joanna Bruck dá vários exemplos de comunidade onde a distinção entre sagrado e profano não existe: os Atoni de Timor e os LoDagaa do Burkina Faso e Gana (BRUCK, 1999: 319).



/ rituais” imbuídas de um carácter simbólico – porque não entram em categorias racionais / positivistas impostas por um pensamento moderno ocidental –, e “olharmos” para elas como ações dessas comunidades imbuídas do significado de “estar no mundo” e conceptualizar o seu lugar nesse mesmo mundo, um amplo campo interpretativo poderá surgir.

A sugestão não é ser radicalmente oposto, ou seja, dizer que não existem deposições / rituais, mas sim tentar identificar em campo os diversos registos em que uma deposição surge. Mas uma deposição não de carácter “simbólico” porque oposta a uma atitude “racional”, mas sim uma deposição / ação integrante de um todo social, de uma comunidade.

No caso desta estrutura, a deposição dos restos arqueozoológicos, dos fragmentos cerâmicos e de granito, deverá ser entendida como uma ação conformativa da estrutura. A elaboração daquela estrutura necessitava daqueles elementos para se constituir como estrutura, como delimitadora de um espaço, como contexto onde se praticavam ações, cujos significados até, sugere-se, poderiam estar relacionados com aquelas materialidades.

No segundo caso estamos perante um tipo de sistema de oclusão: lajes de um xisto diferente daquele utilizado na elaboração da estrutura, dispostas a 45° e cravadas em terra / argila. Estavam afeiçoadas na extremidade superior, ou seja, na extremidade não oculta, e estreitavam o acesso ao interior da estrutura.

FIG. 23 – Interior da estrutura “bastião” D. No topo da imagem é bastante visível o sistema de oclusão que impede o acesso ao interior desta estrutura, pelo menos naquela área.

O que está aqui em causa é a oclusão de parte do acesso ao interior da estrutura, oclusão física mas aparentemente não visual, pois não foi detetado em escavação qualquer tipo de vestígios que nos orientasse para uma estrutura elevada. Só estas constatações remetem para uma complexidade da organização do espaço, e para uma diversidade do gesto técnico e da ação que o corporizou. Surge novamente a ideia de que estamos diante de comunidades que operavam um complexo discurso social, cheio de tensões dinâmicas.

Podemos dizer que não estamos perante uma ocupação meramente funcional de espaços, estamos perante áreas complexas relacionadas com ações específicas aí acontecidas, estamos perante percursos relacionados com o espaço existente entre o murete 1 e o 2 e com o próprio acesso ao interior do “bastião” D. Só quando esse trabalho estiver feito, o que implica escavar toda a área, poderemos avançar com hipóteses interpretativas, quer relacionadas com percursos, quer com espaços específicos no interior de toda a área. Estas materialidades têm que ser vistas como *“parte de formações sociais agora extintas e que têm um significado no presente”* (THOMAS, 1999: 18), e esse significado passa por tentar investigar os contextos das ações sociais dados pela arquitetura e pelos materiais que a ela estão associados.

Os exemplos agora descritos poderiam ser observados apenas como uma técnica / prática relacionada com o discurso arquitetónico, ou mesmo apenas com um discurso associado a deposições significantes. No entanto, propomos uma visão mais integradora destas situações, olhadas sim como materialidades específicas, como deposições, mas também como elementos dinâmicos e estruturadores de uma comunidade. O processo configurativo deste lugar é constituído pelo xisto, terra / argila, granito, quartzo, sistemas de oclusão, delimitação de espaços, estruturas circulares e circulares geminadas, vãos abertos e fechados, muretes e muros, materialidades como a cerâmica e os líticos e, especialmente, as ações manipuladoras de todos esses materiais e delimitadoras de espaços que continuamente o habitam e consequentemente o “constroem”.

A arquitetura de um sítio como Castanheiro do Vento tem que ser entendida como uma forma de tecitura de um espaço e não como uma forma de construção sobre um espaço (INGOLD, 2000), onde “construir” define uma atividade em termos da sua capacidade de terminá-la e onde “tecer” se foca num processo de habilidade, no qual essa arquitetura se torna existente.

A “tecitura” de um sítio como Castanheiro do Vento tem que ser compreendida como um conjunto de ações frequentes (não necessariamente contínuas no tempo e espaço), onde exista um diálogo entre a comunidade e a superfície¹³. Não existiu uma superfície prévia (igual a natureza) à qual o homem se adapta ou transforma. Existe sim, sugerimos, uma modelação do espaço. A arquitetura que Castanheiro do Vento vai sucessivamente exibindo é uma arquitetura habitada, em constante relação com ela própria, com a(s) comunidade(s), com o lugar.


¹³ Superfície entendida na aceção de James GIBSON (1986).

É um tecer, espacial e temporal, impregnado numa matriz de relações sociais que constantemente se alteram, elaborando e reconfigurando por sua vez aquele lugar. A arquitetura e as materialidades que a constituem tornam-se assim parte ativa daquela comunidade. O uso, a escolha dos materiais não são apenas reflexos dos recursos existentes, mas também e principalmente representam escolhas e revelam ações específicas e intencionais dessa comunidade (LOVE, 2013).

Castanheiro do Vento terá sido uma área de ações onde aconteceram processos de crescimento de uma comunidade, onde aconteceram relações de sociabilidade.

Se tivermos como objetivo perceber as mudanças arquitetónicas, não só é necessário escavar todo o sítio, como temos de o tentar perceber à medida que o escavamos, como é que essas relações de sociabilidade e todo o seu potencial de ação são constituídas e transformadas através do tempo. É claro que as respostas serão difíceis, senão mesmo impossíveis, mas a prossecução dos objetivos é causa importante de estudo, e mesmo de formulação e reformulação constante dos próprios objetivos.

Os vestígios arquitetónicos que chegaram até nós provavelmente não serão os mais significativos, em relação ao que ali terá existido. Mas hoje possuímos uma realidade inscrita na paisagem, não, como já vimos, na aceção construtiva de edificação de um projeto, mas sim em termos de uma arquitetura em interação constante com um mundo onde ser humano, matéria e ação formam uma continuidade, constituem uma unidade.

Tornamos a dizer, uma comunidade constrói-se, sedimenta-se, cria coesão entre os seus elementos, tecendo espaços, fazendo arquitetura. Tecendo não apenas a arquitetura, mas sim todo um território, toda uma paisagem. Construindo, estas comunidades construíam-se. 

BIBLIOGRAFIA

- BRUCK, Joanna (1999) – “Ritual and Rationality: Some Problems of Interpretation in European Archaeology”. *European Journal of Archaeology*. London: European Association of Archaeologists, Sage Publications. 2(3): 313-344.
- CARDOSO, J. L. e COSTA, C. (2004) – “A study on the faunal assemblage from the prehistoric enclosure of Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz-Côa)”. *Journal of Iberian Archaeology*. Braga: ADECAP. 6: 83-92.
- CARDOSO, João Luís (1994) – “Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Número especial.
- CARDOSO, João Luís (1997) – “Génese, Apogeu e Declínio das Fortificações Calcolíticas da Estremadura”. *Zhephyrus*. 50: 249-261.
- CARDOSO, João Luís (1999) – “Copper metallurgy and the importance of other raw materials in the context of the Chalcolithic economic intensification in Portuguese Estremadura”. *Journal of Iberian Archaeology*. Braga: ADECAP. 1: 93-109.
- CARDOSO, João Muralha (2010) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: problemática do sítio e das suas estruturas à escala regional*. Maiorca: Vessants (*Arqueologia i Cultura*).
- CARDOSO, João Muralha (2012) – “Castanheiro do Vento: uma historiografia de percursos interpretativos”. In SANCHES, M. J., CUNHA-RIBEIRO, J. P. e MONTEIRO-RODRIGUES, S. (eds.). *Discursos em Arqueologia*. Porto / Coimbra: CEAUCP, pp. 67-94.
- CASELLA, Gabriella (2003) – *Gramáticas de Pedra. Levantamento de tipologias de construção murária*. Porto: Centro Regional de Artes Tradicionais.
- CATARINO, Helena (2005) – “Arquitectura de Taipá no Algarve Islâmico. As escavações no castelo de Salir (Loulé) e Paderne (Albufeira)”. In FERNANDES, Maria e CORREIA, Mariana (eds.). *Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum, pp. 138-145.
- GARROW, Duncan; BEADSMOORE, Emma e KNIGHT, Mark (2005) – “Pit Clusters and the Temporality of Occupation: an Earlier Site at Kilverstone, Thetford, Norfolk”. *Proceedings of the Prehistoric Society*. 71: 139-157.
- GIBSON, James J. (1986) – *The Ecological Approach to Visual Perception*. London: Lawrence Erlbaum associates, publishers.
- GOMES, Mário Varela (2005) – “Arqueologia da Arquitectura de Terra em Portugal”. In FERNANDES, Maria e CORREIA, Mariana (eds.). *Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum, pp. 125-131.
- GOMES, Mário Varela (2006) – “Arquitectura de Terra na Proto-História do Sul de Portugal”. In CORREIA, Mariana e JORGE, Vítor Oliveira (eds.). *Terra: forma de construir*. Lisboa: Argumentum, pp. 60-66.
- GONÇALVES, Victor (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC / UNIARQ.
- GONÇALVES, Victor (2002) – “Cobre, RPS e Fortificações no Centro e Sul de Portugal (ontem, hoje, e talvez amanhã, numa perspetiva pessoal)”. *Arqueologia e História*. Lisboa: AAP. 54: 87-102.

- HEIDEGGER, Martin (1997) – “Building, Dwelling, Thinking”. In LEACH, Neil (ed.). *Rethinking Architecture, A reader in cultural theory*. London and New York: Routledge, pp. 100-108.
- HOUBEN, Hugo e GUILLAUD, Hubert (1995) – *Traité de Construction en Terre*. 2.ª ed. Marseille: Editions Parenthèses.
- INGOLD, Tim (2000) – *The Perception of the Environment, Essays in livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge.
- JORGE, Susana Oliveira Jorge (2005) – *O Passado é Redondo, Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto: Edições Afrontamento (Biblioteca de Arqueologia).
- JORGE, Vitor Oliveira (2006) – “Breve Reflexão Sobre Alguns Problemas das Arquiteturas Pré-Históricas”. In *Actas da 10.ª Mesa-Redonda da Primavera, Terra: Forma de Construir Arquitectura-Arqueologia*. Lisboa / Vila Nova de Cerveira: Argumentum / Escola Superior Galaecia, pp. 106-111.
- JORGE, Vitor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002) – “Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper / Bronze age sites in northern Portugal”. In SCARRE, Chris (ed.). *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. Londres: Routledge, pp. 36-50.
- JORGE, Vitor Oliveira; MURALHA, João; PEREIRA, Leonor Sousa; VALE, Ana e COIXÃO, António Sá (2005a) – “Morfologia Construtiva do Recinto Pré-Histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas «estruturas de condenação»”. *Al-Madani*. II Série. 13: 25-35.
- JORGE, Vitor Oliveira; MURALHA, João; PEREIRA, Leonor Sousa; VALE, Ana e COIXÃO, António Sá (2005b) – “Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico”. *Cóavisaão, Cultura e Ciência*. 7: 61-67.
- JORGE, Vitor Oliveira; MURALHA, João; PEREIRA, Leonor Sousa; VALE, Ana e COIXÃO, António Sá (2005c) – “Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): algumas reflexões sobre estratégias de organização do espaço neste recinto monumental pré-histórico”. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve.
- JORGE, Vitor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; VALE, Ana Margarida; VELHO, Gonçalo Leite e PEREIRA, Leonor Sousa (2006-2007) – “Problemática Suscitada pelas Escavações do Sítio Pré-Histórico do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz-Côa), Sobretudo Após a Campanha de 2005”. *Portugália*. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. I Série. 5-6: 241-277
- KALB, Philina e HOCK, Martin (1997) – “O Povoado Fortificado Calcolítico do Monte da Ponte, Évora”. In *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques. Vol. 2, pp. 417-423.
- LOVE, Serena (2013) – “Architecture as material culture: Building form and materiality in the Pre-Pottery Neolithic of Anatolia and Levant”. *Journal of Anthropological Archaeology*. Elsevier. 32: 746-758.
- MACIAS, Santiago (2005) – “Habitar em Terra; Mértola: técnicas construtivas do Bairro da Alcáçova”. In FERNANDES, Maria e CORREIA, Mariana (eds.). *Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum, pp. 132-137.
- MCFADYEN, Lesley (2006) – “Material Culture as Architecture”. In JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; VALE, A. M.; VELHO, G. L. e PEREIRA, L. S. (eds.). *Approaching “Prehistoric and Protohistoric Architecture of Europe From a Dwelling Perspective”*. Porto: ADECAP, pp. 91-102 (*Proceedings of the TAG session*, Sheffield 2005).
- PAÇO, Afonso do e JALHAY E. (1945) – “El Castro de Vilanova de San Pedro”. *Actas e Memorias de la Sociedad Española de Arqueología, Antropología e Prehistoria*. Madrid. 20: 1-55.
- PARREIRA, Rui (1990) – “Considerações Sobre os Milénios IV e III a.C. no Centro e Sul de Portugal”. *Estudos Orientais. I - Presenças Orientalizantes em Portugal. Da Pré-história ao Período Romano*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova, pp. 27-43.
- PRISTA, Pedro (2005) – “Taipa e Adobe na Etnografia Portuguesa”. In FERNANDES, Maria e CORREIA, Mariana (eds.). *Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum, pp. 108-113.
- RIBEIRO, Orlando (1961) – *Geografia e Civilização*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura / Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- SANCHES, Maria de Jesus e PINTO, Dulcineia (2006) – “Terra, Madeira e Pedra: materiais para a construção de um povoado pré-histórico de Trás-os-Montes: o caso do Crasto de Palheiros - Murça”. In CORREIA, Mariana e JORGE, Vitor Oliveira (eds.). *Terra: forma de construir*. Lisboa: Argumentum, pp. 83-90.
- SAVORY, H. N. (1969) – *Espanha e Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- SCHUBART, Hermanfrid e SANGMEISTER, E. (1974-1977) – “Escavações na Fortificação da Idade do Cobre do Zambujal, Portugal 1972/1973”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 7-9: 125-140.
- SHERRAT, Andrew (1981) – “Plough and Pastoralism: aspects of the secondary products revolution”. In HODDER, I.; ISAAC, G. e HAMOND, N. (eds.). *Pattern of the Past, Studies in honor of David Clarke*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 261-305.
- SHERRAT, Andrew (1987) – “Reconstructing Prehistoric Farming”. In KUNST, Michael (ed.). *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica*. Lisboa: IPPAR, pp. 61-76 (*Trabalhos de Arqueologia, 7 - Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras*).
- SILVA, Carlos T. e SOARES, Joaquina (1976-1977) – “Contribuição para o Conhecimento dos Povoados Calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve”. *Setúbal Arqueológica*. 2-3: 179-272.
- SILVA, Carlos T. e SOARES, Joaquina (1987) – “O Povoado Fortificado Calcolítico do Monte da Tumba I: escavações arqueológicas de 1982-1986 (resultados preliminares)”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8: 29-79.
- SILVA, Carlos T.; SOARES, Joaquina e CARDOSO, João Luís (1995) – “Os Povoados Fortificados do Monte da Tumba e de Leceia: elementos para um estudo comparado”. In KUNST, Michael (ed.). *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica*. Lisboa: IPPAR, pp. 159-168 (*Trabalhos de Arqueologia, 7 - Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras*).
- SOUSA, Ana Catarina (2003) – “O Penedo do Lexim e Outros Casos do Calcolítico Estremenho”. In *Recintos Murados da Pré-história Recente*. Porto / Coimbra: FLUP-DCTP / CEACUP-FCT, pp. 177-198.
- SOUSA, Goreti (2006) – “A Terra no Megalitismo do Norte de Portugal”. In FERNANDES, Maria e CORREIA, Mariana (eds.). *Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum, pp. 76-82.
- THOMAS, Julian (1999) – “A Materialidade e o Social”. *Sep. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, pp. 15-20.
- THOMAS, Julian (2004) – *Archaeology and Modernity*. London: Routledge.
- VALE, Ana Margarida (2012) – *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- VALE, Ana Margarida; CARDOSO, João Muralha e JORGE, Vitor Oliveira (2006) – “Recintos Murados e/ou Colinas Monumentalizadas no Nordeste de Portugal? O Caso de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa”. In FERNANDES, Maria e CORREIA, Mariana (eds.). *Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum, pp. 98-105.
- VALERA, António Carlos (2003) – “A Propósito de Recintos Murados do 4º e 3º Milénios AC: dinâmica e fixação do discurso arqueológico”. In *Recintos Murados da Pré-História Recente*. Porto / Coimbra: FLUP-DCTP / CEACUP-FCT, pp. 149-168.
- VALERA, António Carlos (2006) – *Calcolítico e Transição para a Idade do Bronze na Bacia do Alto Mondego: estruturação e dinâmica de uma rede local de povoamento*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 vols. Edição policopiada.
- VELHO, Gonçalo Leite (2006) – “O Jogo da Pedra e da Terra num Sítio Pré-Histórico do Nordeste de Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão, Vilanova de Foz Côa”. In CORREIA, Mariana e JORGE, Vitor Oliveira (eds.). *Terra: forma de construir*. Lisboa: Argumentum, pp. 91-97.
- WHITTLE, Alasdair; BARCLAY, Alistair; MCFADYEN, Lesley; BENSON, Don e GALER, Dan (2007) – “Place and Time: Building and Remembrance”. In BENSON, Don e WHITTLE, Alasdair (eds.). *Building Memories: The Neolithic Cotswold Long Barrow at Ascott-under-Wychwood, Oxfordshire*. Exeter: Oxbow Books, pp. 327-361 (*Cardiff Studies in Archaeology*).



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]

[212 766 975 | 967 354 861]

[secretariado@caa.org.pt]

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

... contacte-nos

Educação Patrimonial Ano Letivo 2013-2014

mais de 150 ações

3150 alunos e respetivos professores

30 escolas

- **campo de simulação arqueológica**
- **aldeia pré-histórica**
- **escavação lúdica**
- **romanos no vale do Tejo**
- **à procura da janela da carochinha**
- **batalha da Cova da Piedade**
- **...**



al. madan online

[\[http://www.almadan.publ.pt\]](http://www.almadan.publ.pt)

[\[http://issuu.com/almadan\]](http://issuu.com/almadan)

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[\[http://www.caa.org.pt\]](http://www.caa.org.pt)

[\[http://www.facebook.com\]](http://www.facebook.com)

[\[secretariado@caa.org.pt\]](mailto:secretariado@caa.org.pt)

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]